



PEDRAZUL  
EDITORA

A busca de  
*Emily*



Lucy Maud Montgomery

The book cover features a vibrant, painterly illustration of a man and a woman standing on a grassy hillside, looking out over a vast, blue mountain range. A bright rainbow arches across the sky above the mountains. The man is on the left, wearing a white shirt and brown suspenders. The woman is on the right, wearing a long green dress and a red bag. The overall scene is bright and hopeful.

A busca de  
*Emily*

Lucy Maud  
Montgomery

## CAPÍTULO 1

Circunstâncias interessantes

## CAPÍTULO 2

Meu diário, meu amigo

## CAPÍTULO 3

O adeus a Mr. Carpenter

## CAPÍTULO 4

Uma Brontë ou uma Austen?

## CAPÍTULO 5

Um amor?

## CAPÍTULO 6

A morte de seus sonhos?

## CAPÍTULO 7

Tempo para refletir

## CAPÍTULO 8

Uma oferta de felicidade

## CAPÍTULO 9

Dúvidas

## CAPÍTULO 10

A casa decepcionada

## CAPÍTULO 11

Os fantasmas das coisas que aconteceram

## CAPÍTULO 12

Segredos por trás dos objetos

## CAPÍTULO 13

Um grilhão

CAPÍTULO 14

O fim do verão

CAPÍTULO 15

Novamente, a premonição

CAPÍTULO 16

O estranho sonho

CAPÍTULO 17

Não sou uma covarde

CAPÍTULO 18

A escolha de Ilse

CAPÍTULO 19

Tranque o estábulo depois que o cavalo foi roubado

CAPÍTULO 20

Triângulo amoroso

CAPÍTULO 21

Sombrio e monótono

CAPÍTULO 22

Um noivado real

CAPÍTULO 23

A moral da rosa

CAPÍTULO 24

Sopros efêmeros

CAPÍTULO 25

O envelope fino

CAPÍTULO 26

Duas notícias muito diferentes

CAPÍTULO 27

Em quem acreditar?

CAPÍTULO 28

Mrs. Kent

CAPÍTULO 29

Um segredo e uma carta roubada

CAPÍTULO 30

Perry Miller

CAPÍTULO 31

Ilse e Perry

CAPÍTULO 32

Emily e Teddy Kent

# CAPÍTULO 1

## Circunstâncias interessantes

“Nunca mais tomarei leite com água quente”, escreveu Emily Byrd Starr em seu diário, quando voltou de Shrewsbury para a fazenda Lua Nova, com os dias de escola ficando para trás e a imortalidade à sua frente.

O que era algo simbólico. Quando tia Elizabeth Murray passou a permitir que Emily bebesse chá de verdade – no cotidiano, e não em uma exceção ocasional –, de modo tácito, ela permitiu que Emily crescesse. Emily já vinha sendo considerada adulta por outras pessoas há algum tempo, especialmente pelo primo Andrew Murray e por seu amigo Perry Miller: ambos a haviam pedido em casamento e foram desdenhosamente recusados, para seus pesares. Quando tia Elizabeth descobriu isso, ela sabia que não havia mais sentido em fazer Emily continuar bebendo chá de mentira. Embora, mesmo assim, Emily não nutrisse esperanças reais de que um dia pudesse usar meias de seda. Uma anágua de seda até poderia ser tolerada, sendo um vestuário que ficava escondido, apesar de ser uma peça sedutora, mas meias de seda eram imorais para tia Elizabeth.

Assim, Emily – sobre quem as pessoas conhecidas sussurravam “ela escreve”, de maneira misteriosa – fora aceita como mais uma das damas de Lua Nova, onde nenhuma mudança ocorrera desde o dia em que chegara ali – há sete anos –, e onde o ornamento esculpido no aparador seguia lançando a mesma sombra de uma silhueta etíope no mesmo exato local da parede, algo que ela havia notado com deleite em sua primeira noite na fazenda. Era uma casa antiga, que já existia há muito tempo, e, assim, era bastante quieta, sábia e um pouco misteriosa. E, também, um pouco

austera, mas muito doce. Algumas pessoas de Blair Water e Shrewsbury julgavam ser um local pacato e ultrapassado para uma jovem, e ainda diziam que ela havia sido bastante tola por recusar a oferta de Miss Royal sobre o “cargo na revista” em Nova Iorque. Imagine, jogar fora uma oportunidade tão boa de se tornar alguém! No entanto, Emily, que possuía ideias claras sobre o que fazer de sua vida, não acreditava que a existência em Lua Nova seria pacata, ou que tinha perdido sua chance de escalar os Alpes, por ter escolhido ficar ali.

Por direito divino, ela pertencia à nobre e antiga Ordem dos Contadores de Histórias. Se tivesse nascido há centenas de anos, teria se sentado em um círculo em volta das fogueiras da tribo e encantado os seus ouvintes. Tendo nascido no presente, teria que atingir sua audiência por meio de diversas maneiras artificiais.

Entretanto, os materiais utilizados na criação das histórias eram os mesmos em todas as eras e lugares. Nascimentos, mortes, casamentos, escândalos – essas são as únicas circunstâncias verdadeiramente interessantes no mundo. Dessa maneira, ela decidiu, de forma alegre e determinada, buscar a fama e a fortuna – e algo mais, que não era nenhuma dessas duas coisas. Pois, para Emily Byrd Starr, a escrita não era uma questão de obter lucro mundano e uma coroa de louros. Era algo que ela *tinha* que fazer. Algo – uma ideia – fosse bela ou horrenda, torturava-a até que escrevesse aquilo. Instintivamente cômica e dramática, a comédia e a tragédia da vida a deixavam fascinada, exigindo serem expressas por meio de sua pena. Era um mundo de sonhos perdidos, porém imortais, existindo além das cortinas da realidade, assim denominados por ela para fins de representação e por interpretação

– chamando-a com uma voz que ela não podia – e nem ousaria – desobedecer.

Sua mera existência era repleta de alegria juvenil. A vida estava sempre a atraindo. Ela sabia que grandes dificuldades encontravam-se diante dela; sabia que, constantemente, teria que ofender seus vizinhos de Blair Water, que pediriam que escrevesse obituários para eles e que, se usasse palavras difíceis, seria chamada de “esnobe” ou algo do tipo; sabia também que receberia muitos bilhetes de rejeição; sabia que viriam dias em que sentiria, desesperadamente, que não era boa escritora e que era inútil continuar tentando; dias em que a frase editorial “não sendo necessariamente um reflexo de seus méritos” iria enervá-la de tal forma que poderia imitar Marie Bashkirtseff,<sup>[1]</sup> arremessando o relógio zombeteiro e implacável pela janela; dias em que tudo o que fizesse ou tentasse fazer daria errado – pois seriam medíocres e desprezíveis –; dias em que seria tentada a desacreditar amargamente da convicção fundamental de que há tanta verdade na poesia da vida quanto na prosa; dias em que o eco daquela “palavra aleatória” dos deuses, que ela tentava escutar tão avidamente, pareceria apenas insultá-la com suas sugestões de uma perfeição inatingível e uma doçura além do alcance dos ouvidos ou das penas pertencentes aos mortais.

Ela sabia que tia Elizabeth tolerava, mas nunca aprovava sua mania de rabiscar. Em seus últimos dois anos na Escola Secundária de Shrewsbury, para a surpresa quase incrédula de tia Elizabeth, Emily, de fato, conseguiu algum dinheiro com seus versos e histórias. Assim, veio o sentimento de tolerância. Contudo, nenhum Murray jamais fizera algo do tipo antes. Ademais, havia sempre

aquela sensação, que a Senhora Elizabeth Murray desgostava, de estar sendo excluída de algo. Tia Elizabeth realmente ressentia-se com o fato de que Emily possuía outro mundo, separado do mundo de Lua Nova e Blair Water, um reino estrelado e ilimitado onde a menina podia adentrar quando quisesse, e nenhuma tia, por mais determinada e desconfiada que fosse, poderia ir atrás. Eu realmente acredito que se os olhos de Emily não aparentassem fitar algo lindo, adorável e secreto com tanta frequência, tia Elizabeth teria apresentado maior compaixão por suas ambições. Nenhum de nós, nem mesmo os autossuficientes dos Murrays, gostamos de ser excluídos.

\*\*\*

Aqueles de vocês que já seguiram Emily através de seus anos em Lua Nova e em Shrewsbury<sup>[2]</sup> devem ter uma boa noção de como é sua aparência. E para aqueles de vocês que chegaram agora, sem saber, permitam-me traçar um retrato de como ela era vista por aqueles que olhavam de fora para o portal encantado dos dezessete anos, caminhando pelos crisântemos dourados que iluminavam um velho jardim outonal. Aquele jardim de Lua Nova era um local de paz. Um lugar de prazeres encantados, repleto de cores ricas e atraentes, além de sombras deliciosas. Fragrâncias de pinheiros e rosas invadiam ali, assim como abelhas, brisas em trenodias; murmúrios vindos do golfo azul do Atlântico, e o suspiro que nunca cessava dos abetos do “bosque” de John Luxento, na verdade, John Sullivan, ao norte. Emily amava cada flor, sombra e som existente ali, cada árvore bela e antiga ao redor, especialmente

as que lhe eram mais familiares e amadas – um conjunto de cerejeiras silvestres no canto sudoeste, As Três Princesas da Lombardia, e no caminho para o riacho, uma ameixeira que tinha o formato semelhante a uma moça; o enorme abeto localizado no meio do jardim e, mais afastados, um bordo prateado, um pinheiro, um álamo no outro canto, que sempre namorava alegremente cada vento, e uma fileira inteira de videiros brancos no bosque de John Luxento.

Emily sempre se sentiu grata por viver perto de diversas árvores antigas, ancestrais, plantadas e cuidadas por mãos que jazem há tempos, vinculadas às alegrias e tristezas daqueles que as cuidaram.

Emily era uma criatura esguia, jovem, virginal. Seu cabelo era como uma seda negra. Seus olhos de um cinza purpureado possuíam tons de violeta, que sempre pareciam mais escuros e atraentes depois que Emily passava uma hora profana, e nada elizabetana, finalizando uma história, ou trabalhando no esboço de algum enredo. Com lábios de cor escarlate e um vinco à la Murray nos cantos, orelhas levemente pontudas, talvez fosse o vinco e as orelhas que fizessem com que certas pessoas pensassem que ela se parecia com uma gata. Possuía também traços impressionantes na linha do queixo e do pescoço, um sorriso com um quê de travessura, que se abria muito lentamente e terminava completamente radiante, além de tornozelos que eram louvados pela velha e escandalosa tia Nancy Priest, de Priest Pond. As manchas levemente rosadas em suas bochechas redondas, às vezes, intensificavam-se e adquiriam um tom carmesim. Poucas coisas faziam com que aquele rubor surgisse – um sopro vindo do

oceano, um vislumbre repentino do planalto azulado, uma papoula vermelha como uma flama, velas brancas deixando o porto em uma manhã mágica, águas prateadas no golfo sob a lua e aquilégias de um azul pastel no velho pomar. Ou um certo assobio no bosque de John Luxento.

E, com tudo isso, era bela? Eu não sei dizer. Emily nunca era listada entre as meninas lindas de Blair Water, mas ninguém que olhasse em seu rosto esquecia-se dele. Ninguém que a visse pela segunda vez dizia: “Ahm... seu rosto me parece familiar, mas...”. Gerações de mulheres adoráveis estavam por trás disso. Elas lhe concederam algo de suas personalidades. Emily tinha a graça da água corrente e, também, algo de seu brilho e limpidez. O pensamento a influenciava como um vento forte. A emoção a agitava como a tempestade balança uma rosa. Ela era uma daquelas criaturas vitais que, quando morrem, dizemos que é impossível que tenham morrido. Em comparação com os seus antepassados sensatos e práticos, ela cintilava como uma chama diamantífera. Muitas pessoas gostavam dela, muitas desgostavam, mas ninguém se sentia completamente indiferente a ela.

Certa vez, quando Emily era bem pequena e ainda vivia com seu pai na pequenina casa de Maywood, onde ele viera a falecer, ela começara a procurar pelo fim de um arco-íris. Ela corria por campos longos e úmidos, sentindo-se esperançosa, expectante. Entretanto, enquanto corria, o lindo arco começou a se desvanecer – a desaparecer. Emily ficou sozinha em um vale desconhecido, sem ter certeza de qual direção levaria até sua casa. Por um instante, seus lábios tremularam, seus olhos se encheram de

lágrimas. Então, erguera o rosto e sorrira corajosamente para o céu aberto.

— Existirão outros arco-íris — disse ela.

Emily era uma caçadora de arco-íris.

\*\*\*

A vida em Lua Nova era diferente agora, e Emily tinha que se ajustar a isso. Havia certa solidão. Ilse Burnley, sua grande amiga há sete anos, tinha partido para a Academia de Literatura e Expressão de Montreal. As duas garotas se despediram com as lágrimas e os votos da juventude. E nunca mais se reencontrariam do mesmo jeito. Pois, em segredo, o fato é que quando os amigos, até mesmo os mais próximos – talvez ainda mais, justamente pela proximidade – encontram-se novamente após um período de separação, há sempre uma certa frieza, grande ou pequena, há uma mudança. Nenhuma das partes julga que a outra continua *exatamente* a mesma. Isso é natural e inevitável. A natureza humana está sempre em processo de crescimento ou de retrocesso – mas nunca está estacionada. Mas, ainda assim, com toda essa nossa filosofia, quem de nós pode reprimir um pequeno sentimento de surpreendente decepção quando percebemos que nosso amigo não é mais, e nem jamais poderá ser, o mesmo de antes? – ainda que a mudança seja para melhor. Emily, com sua estranha intuição que substituía a experiência, sentia isso, ao passo que Ilse não, e ainda tinha uma sensação de que estava se despedindo para sempre da Ilse da época de Lua Nova e dos anos em Shrewsbury.

Perry Miller também. O antigo “ajudante” de Lua Nova, ganhador de medalhas na Escola Secundária de Shrewsbury, pretendente rejeitado, porém não desesperançado, capaz de enfurecer Ilse, este também havia partido. Perry estava aprendendo Direito em um escritório de Charlottetown, com os olhos fixos em diversas metas jurídicas brilhantes. Não havia nenhum arco-íris – nenhum pote de ouro místico para Perry. Ele sabia que o que desejava estaria bem ali e iria atrás disso. As pessoas estavam começando a acreditar que ele conseguiria. Afinal, o abismo entre o ofício de escrivão no escritório de Mr. Abel e a Suprema Corte do Canadá não era muito maior do que o abismo entre o mesmo escrivão e o garoto descalço de Stovepipe Town, ali perto do porto.

Mas havia um quê do instinto de caçador de arco-íris em Teddy Kent, do Recanto das Tanásias. Ele também estava partindo. O rapaz frequentaria agora a Academia de Design em Montreal. Ele também conhecia – há anos – os deleites, atrativos, desesperanças e angústias da busca pelo arco-íris.

— Mesmo que nós nunca o encontremos — disse ele para Emily, enquanto prorrogavam aquele momento no jardim de Lua Nova, sob o céu cor de violeta, de um maravilhoso crepúsculo ao norte, na última noite antes que ele partisse —, há algo na busca que é ainda melhor do que a descoberta.

— Mas *iremos* encontrá-lo — respondeu Emily, erguendo os olhos e fitando uma estrela que cintilava acima da ponta de uma das Três Princesas. Algo presente no “nós” dito por Teddy deixara Emily empolgada com o seu sentido. Ela era sempre muito honesta consigo mesma, e nunca tentou fechar os olhos para o fato de que Teddy Kent significava mais para ela do que qualquer outra pessoa

no mundo. Ao passo que ela... o que ela significava para ele? Pouco? Muito? Ou nada?

Emily não estava de chapéu, e havia colocado pequenas presilhas amarelas em forma de estrela nos cabelos. Ela havia pensado um bocado na escolha de suas vestes, antes de decidir trajar seu primoroso vestido de seda. Julgava que estava muito bonita, mas que diferença aquilo faria, se Teddy não notava? *Ele nunca a valorizava*, pensou ela com certa rebeldia. Dean Priest, por outro lado, teria notado e feito algum elogio sutil a respeito.

— Eu não sei — disse Teddy, morosamente, medindo o gato cinza com olho cor de topázio de Emily, Daffy, que se divertia na moita espiral, como um tigre furtivo. — Eu não sei. Agora que tudo está correndo de vento em popa, eu me sinto... vazio. Afinal, talvez, jamais serei capaz de fazer algo que valha a pena. Certo jeito para o desenho... para onde isso levará? Especialmente, quando ficamos acordados até as três da manhã?

— Ah, eu conheço esse sentimento — concordou Emily. — Ontem à noite, fiquei refletindo em uma história por horas, e concluí, em desespero, que *jamais* serei boa em escrever, que é inútil tentar, que eu jamais farei algo que valha a pena. Fui para a cama com esse pensamento, e encharquei o meu travesseiro com as minhas lágrimas. Acordei às três e não conseguia nem chorar mais. As lágrimas pareciam tão tolas quanto as risadas... ou a ambição. Eu estava sem esperança, sem crença. Então, levantei-me no gélido e cinzento amanhecer e dei início a uma nova história. Não permita que um sentimento que surge às três da manhã aflija a sua alma.

— Infelizmente, eu tenho esse sentimento às três da manhã, todo dia — respondeu Teddy. — A essa hora horrível, eu sempre

tenho a certeza de que quando queremos *demais* alguma coisa, é pouco provável que a teremos. E existem duas coisas que eu desejo tremendamente. Uma, é claro, é ser um grande artista. Eu nunca achei que fosse um covarde, Emily, mas estou com medo agora. Se eu não obtiver sucesso, todos rirão de mim. A minha mãe dirá que já sabia que isso iria acontecer. Ela realmente detesta me ver partir, você sabe disso. E ainda mais partir e fracassar! Seria melhor que eu não fosse.

— Não, não seria — disse Emily de modo apaixonado, perguntando-se, ao mesmo tempo, o que seria a *segunda* coisa que Teddy desejava tremendamente. — Não deve ter medo. Na última conversa que tive com o meu pai, na noite em que ele faleceu, ele me disse que eu não deveria ter medo de nada. E não foi Emerson<sup>[3]</sup> quem disse para “sempre fazermos o que temos medo de fazer”?

— Tenho certeza de que Emerson disse isso depois de já não ter mais medo de nada. É fácil ser corajoso quando já estamos aposentando a armadura.

— Sabe que eu acredito em sua capacidade, Teddy — disse Emily, com suavidade.

— Sim, sim, você acredita. Você e Mr. Carpenter. Vocês são os únicos que realmente acreditam em mim. Até mesmo Ilse acha que Perry tem bem mais chance de trazer o pão para casa.

— Mas você não está indo atrás do pão, está indo atrás do ouro do arco-íris.

— E se eu não conseguir encontrar... e decepcionar você, isso será o pior de tudo.

— Você vai conseguir. Olhe para aquela estrela, Teddy... aquela ali, em cima da Princesa mais nova. É Vega, da constelação

de Lira. Eu sempre a amei. É a minha preferida. Você se lembra de como, há anos, quando você, Ilse e eu nos sentamos no pomar, naquelas noites em que Jimmy preparava as batatas dos porcos, e você costumava nos contar histórias maravilhosas sobre aquela estrela... e da vida que você tinha nela antes de vir para este mundo? Não existia o sentimento das três horas da manhã naquela estrela.

— Éramos criaturas tão alegres e despreocupadas naquela época — disse Teddy, com a voz que entoava a reminiscência de um senhor da meia-idade, de um homem oprimido que se recorda, de maneira saudosa, das irresponsabilidades da juventude.

— Eu quero que me prometa — disse Emily — que sempre que vir aquela estrela, você irá se lembrar de que eu acredito em você... *muito*.

— Pode *me* prometer que sempre que olhar para aquela estrela, pensará em mim? — perguntou Teddy. — Ou melhor, vamos prometer um ao outro que toda vez que olharmos para aquela estrela, *sempre* pensaremos um no outro... *sempre*. Onde estivermos, para o resto de nossas vidas.

— Eu prometo — disse Emily, empolgada. Ela amava que Teddy a visse daquela forma.

Um pacto romântico. Qual era o seu significado? Emily não sabia dizer. Sabia apenas que Teddy estava partindo – que a vida parecia, de repente, vazia e gélida –; que o vento do golfo, que soprava por entre as árvores do bosque de John Luxento, parecia bastante melancólico – que o verão tinha acabado, e o outono havia chegado. E que o pote de ouro no fim do arco-íris estava em alguma colina muito distante.

Por que ela disse aquilo sobre a estrela? Por que o crepúsculo, a fragrância de abetos e o lusco-fusco do pôr do sol outonal fazem as pessoas dizerem coisas tão absurdas?

# CAPÍTULO 2

## Meu diário, meu amigo

*“LUA NOVA,  
18 de novembro, mil novecentos e...*

Hoje chegou a edição de dezembro de *Marchwood*, e os versos do meu poema *Ouro Voador* vieram impressos nela. Eu considero que a ocasião merece ser mencionada em meu diário, porque foi dedicada uma página inteira para os meus versos e ainda vieram ilustrados – pela primeira vez na vida isso acontece com um poema meu, e senti-me tão honrada. Suponho que ele, em si, seja uma porcaria – Mr. Carpenter apenas fungou quando li para ele, e recusou-se a fazer qualquer comentário. Mr. Carpenter nunca ‘se dá ao trabalho de fazer elogios vazios’, mas condena terrivelmente em silêncio. No entanto, o meu poema *parecia* tão nobre que um leitor descuidado poderia achar que há algo nele. Abençoado seja o bom editor, que estava inspirado ao ponto de mandá-lo ilustrar. Ele aumentou a minha autoestima consideravelmente.

Mas não me importei muito com a ilustração em si. O artista não capturou nem um pouco do sentido do texto. Teddy teria feito melhor.

Teddy está indo esplendidamente bem na Academia de Design. E Vega cintila brilhantemente toda noite. Eu me pergunto se ele realmente pensa em mim sempre que a vê. Ou se ele sequer a vê. Talvez as luzes elétricas de Montreal a deixem apagada. Ele parece se encontrar bastante com a Ilse. É terrivelmente bom para eles se conhecerem, naquela cidade grande e cheia de estranhos”.

*“26 de novembro, mil novecentos e...*

Hoje foi uma glamurosa tarde de novembro, com um leve toque estival e uma doçura outonal. Sentei-me perto do lago próximo ao cemitério e fiquei lendo por um bom tempo. Tia Elizabeth acha que aquele é um lugar tenebroso para eu me sentar, e fala para tia Laura que teme que haja certa morbidez em mim. Eu não vejo nada de mórbido nisso. É um lindo lugar, onde fragrâncias doces e silvestres sempre cruzam por ali através dos ventos de Blair Water. Além disso, é tão silencioso e pacífico, com as velhas lápides em volta de mim – com seus pequenos morros verdes e as pequenas samambaias congeladas sobre eles. Homens e mulheres de minha família jazem ali. Homens e mulheres que foram vitoriosos – homens e mulheres que também foram derrotados – e, agora, suas vitórias e derrotas se tornaram uma só. Eu nunca consigo me sentir exaltada ou deprimida demais ali. Os sabores e desprazeres parecem iguais. Eu gosto das velhas lápides de granito avermelhado, especialmente a de Mary Murray, com a inscrição: ‘E aqui eu ficarei’ – na qual seu marido depositara todo o veneno que guardara durante a vida. O túmulo dele fica bem ao lado, e tenho certeza de que eles se perdoaram há tempos. E talvez eles voltem, às vezes, na escuridão do luar, e riem juntos da inscrição. Ela está desaparecendo um pouco, por conta dos líquens pequeninos. O primo Jimmy já desistiu de esfregá-los, e qualquer dia crescerão tanto que não haverá nada além de manchas verdes, vermelhas e prateadas sobre a velha lápide vermelha”.

*“20 de dezembro, mil novecentos e...”*

Uma coisa boa aconteceu hoje. Sinto-me agradavelmente radiante. A revista *Madison's* publicou a minha história *Uma Falha*

*na Acusação???* Sim, ela merece pontos de interrogação, com certeza. Se não fosse por Mr. Carpenter, eu estaria escrevendo tudo em itálico. *Em itálico!* Não, eu escreveria tudo em maiúsculo. É muito difícil conseguir uma publicação naquela revista. Eu sei bem disso! E não tentei repetidas vezes e ganhei nada além de um ‘lamentamos informar’? E, finalmente, a porta foi aberta para mim. Ter uma publicação na *Madison’s* é um sinal claro e inconfundível de que estou chegando a algum lugar em meu caminho até os Alpes. O caro editor foi gentil o bastante em dizer que é uma história encantadora.

Que homem amável!

Ele me enviou um cheque de cinquenta dólares. Logo poderei começar a pagar de volta à tia Ruth e ao tio Wallace pelo que gastaram com as minhas despesas em Shrewsbury. Tia Elizabeth, como de costume, analisou o cheque desconfiada, porém, perguntando-se se o banco realmente o aceitaria. Os lindos olhos azuis de tia Laura brilharam de orgulho. Os olhos de tia Laura realmente brilham. Ela faz parte dos vitorianos. Os olhos eduardianos podem até cintilar e encantar, mas eles nunca brilham. E, de alguma forma, eu realmente gosto de olhos que brilham – especialmente quando brilham por conta do meu sucesso.

O primo Jimmy disse que a *Madison’s* vale por todas as revistas de Nova Iorque juntas, na opinião *dele*.

Pergunto-me se Dean Priest gostará de *Uma Falha na Acusação???* E se ele gostar, se irá dizer. Hoje em dia, ele *nunca* elogia as coisas que eu escrevo, e sinto uma enorme vontade de *obrigá-lo* a fazer isso. Eu sinto que as lisonjas dele, além das de Mr. Carpenter, são as únicas que valem algo.

É estranho, mas, de alguma forma misteriosa, Dean parece estar ficando mais jovem. Há alguns anos eu o julgava bastante velho. Agora, ele parece apenas estar na meia-idade. Se continuar assim, logo ele não passará de um jovem. Suponho que a verdade seja que a minha mente está começando a amadurecer um pouco, e eu o estou alcançando. Tia Elizabeth continua não gostando da minha amizade com ele. Ela sente bastante antipatia por qualquer Priest. Mas não sei o que faria sem a amizade de Dean. É o que dá sabor à vida”.

*“15 de janeiro, mil novecentos e...”*

Hoje foi um dia tempestuoso. Passei a noite em claro após ter recebido quatro rejeições, e eu achava que eram produções especialmente boas. Como Miss Royal previu, senti que fui uma tremenda idiota por não ter ido para Nova Iorque com ela quando tive a chance. Ah, não me admira que os bebês sempre chorem quando acordam no meio da noite! Tantas vezes sinto a mesma vontade. Tantas questões oprimem a minha alma nessas horas, e as nuvens parecem tão escuras acima de mim. Eu passei deprimida e desiludida a tarde seguinte inteira, e fiquei ansiosa com a chegada do correio, como se fosse o resgate de um marasmo. Há sempre uma fascinante expectativa e incerteza pela chegada do correio. O que ele me trará? Uma carta de Teddy? – Teddy escreve as mais deliciosas cartas –, um belo envelope fino com um cheque dentro? Um envelope grosso e terrivelmente eloquente com mais rejeições? Um dos rabiscos fascinantes de Ilse? Nada disso. Mas apenas uma epístola zangada de uma prima de segundo grau, Beulah Grant, de Derry Pond, que está furiosa porque acha que eu a ‘coloquei’ na

minha história *Tolos por Hábito*, que acabou de ser publicada em um jornal canadense de grande circulação. Ela me escreveu uma carta amarga me censurando, a qual eu recebi hoje. Ela diz achar que eu ‘pouparia uma velha amiga que sempre me quis bem’. Ela ‘não está acostumada a ser ridicularizada nos jornais’, e que, no futuro, eu fizesse a gentileza de evitar utilizá-la para demonstrar a minha esperteza para a imprensa. Minha prima de segundo grau, Beulah, também sabe bem como empunhar a pena, e enquanto algumas coisas em sua carta me magoaram, outras me enfureceram. Eu nunca *pensei* em minha prima Beulah enquanto escrevia a história. A personagem de *Tia Kate* é puramente fictícia. E se eu *tivesse* pensado nela, certamente não *a* incluiria em uma história. Ela é estúpida e comum demais. E não se parece nem um pouco com a *Tia Kate*, que é, ousado dizer, uma senhora vívida, esperta e engraçada.

No entanto, prima Beulah também escreveu para tia Elizabeth, e tivemos uma reunião de família. Tia Elizabeth não acredita que eu seja de toda isenta de culpa – ela declarou que Tia Kate é um retrato exato de prima Beulah, e pediu-me educadamente – os pedidos educados de tia Elizabeth são incríveis – para que eu *não* fizesse caricaturas de meus parentes em produções futuras.

— Isso não é — disse tia Elizabeth, da maneira mais imponente possível — algo que *qualquer* Murray deveria fazer: ganhar dinheiro às custas das peculiaridades dos amigos.

Aquilo foi a realização de mais uma das coisas que Miss Royal previu. Ah, será que ela estaria igualmente certa sobre todo o resto? E, se sim... Mas a pior decepção veio por conta do primo Jimmy, que riu de *Tolos por Hábito*.

— Não se importe com a velha Beulah, gatinha — sussurrou ele. — Estava bom. Sem dúvida, você a retratou certinho em *Tia Kate*. Eu a reconheci antes que tivesse terminado de ler a página. Reconheci pelo nariz – e aí está! Por azar, acabei por descrever *Tia Kate* com um ‘nariz longo e caído’. E não se pode negar que a prima Beulah possui um nariz longo e caído. As pessoas já se apegaram a evidências menos claras do que aquelas. Não adiantaria afirmar desesperadamente que eu nunca havia chegado a pensar na prima Beulah. O primo Jimmy apenas acenou com a cabeça e riu novamente.

— Claro, é melhor deixar isso quieto. É melhor deixar coisas assim quietas.

A pior parte nisso tudo é que, se *Tia Kate* realmente é como a prima Beulah Grant, então isso significa que eu falhei notoriamente no que tentei fazer.

No entanto, sinto-me bem melhor agora do que quando comecei a escrever hoje. Já libertei um pouco do ressentimento, desencorajamento e da rebeldia que havia em mim.

Creio que essa seja a melhor utilidade de um diário”.

*“3 de fevereiro, mil novecentos e...*

Hoje foi um “grande dia”. Recebi três cartas de aceitação, e um editor pediu para que eu lhe enviasse algumas histórias. Certamente, por algum motivo, eu detesto que um editor me peça para enviar uma história. É muito pior do que enviar a história sem que eles peçam. A humilhação de tê-las rejeitadas é bem maior do que quando mandamos apenas um manuscrito para alguém que

desconhecemos, que fica sentado atrás de uma mesa editorial, a quilômetros de distância.

E cheguei à conclusão de que não consigo escrever uma história porque “foi mandado”. É uma tarefa diabólica. Tentei fazer isso nos últimos tempos. O editor de *Pessoas Jovens* pediu-me para escrever uma história com uma certa quantidade de linhas. Eu escrevi. Ele enviou de volta, apontando alguns defeitos e pedindo para que eu reescrevesse. Eu tentei. Escrevi e reescrevi, alterei e modifiquei, até que o meu manuscrito acabou se tornando um mosaico de tintas pretas, azuis e vermelhas. Por fim, abri o forno da cozinha e joguei lá dentro o original e suas variações.

Depois dessa ocasião, irei apenas escrever o que desejo, e que os editores... sejam canonizados!

Esta noite podemos ver a Aurora Boreal e uma lua nova enevoada”.

*“16 de fevereiro, mil novecentos e...*

Minha história *Quando a Piada Vale a Pena* apareceu na revista *Casa Mensal* hoje. Mas foi só mais uma das “outras”, sem destaque. No entanto, para contrabalancear, eu fui listada como uma das “contribuidoras conhecidas e populares do ano seguinte”, pela revista *Dias de Mocidade*. O primo Jimmy leu a edição uma meia dúzia de vezes, e eu o escutei murmurar “*conhecida e popular*”, enquanto tentava acender o fogo com gravetos. Então, ele foi até a loja da esquina e comprou-me um novo Caderno-Jimmy. Cada vez que eu ultrapasso mais um marco no meu caminho para os Alpes, o primo Jimmy celebra comprando-me um novo Caderno-Jimmy. Eu nunca compro um caderno para mim, isso magoaria os sentimentos dele. Ele sempre observa a minha pequena pilha de

Cadernos-Jimmy em cima da minha escrivaninha, com espanto e reverência, acreditando fortemente que todo tipo de literatura maravilhosa está ali dentro contido, em meio às descrições e personagens.

Eu sempre entrego as minhas histórias para Dean ler. Não consigo evitar fazê-lo, embora ele sempre me devolva sem um comentário; ou, pior do que isso, com um elogio vago. Tornou-se um tipo de obsessão minha *fazer* com que Dean admita que eu sei escrever algo que valha a pena. Isso seria um triunfo. Mas a não ser que, ou até que ele o faça, tudo será em vão. Porque ele *sabe*”.

*“2 de abril, mil novecentos e...*

A primavera afetou a mente de um certo jovem que vive em Shrewsbury e que visita Lua Nova ocasionalmente. Ele não é um pretendente que os Murrays aprovam, e o que é mais importante, não é um pretendente que E. B. Starr aprova. Tia Elizabeth ficou bastante severa porque eu fui a um concerto com ele, e ela estava acordada quando cheguei em casa.

— Viu só? Eu não fugi para me casar, tia Elizabeth — disse eu. — Eu prometi que não farei isso. Se um dia eu quiser me casar com alguém, contarei para a senhora e irei me casar, independentemente do que diga.

Eu não sei se ela foi dormir com a mente mais tranquila ou não. A minha mãe fugiu para se casar escondido — ainda bem! —, e tia Elizabeth acredita piamente que isso é hereditário”.

*“15 de abril, mil novecentos e...*

Esta noite, eu subi a colina e fiquei passeando pela Casa Decepcionada à luz do luar. A Casa Decepcionada foi construída há

trinta e sete anos – ao menos, parcialmente –, para uma noiva que nunca chegou a pisar nela. E lá está a casa desde então, vedada com tábuas, inacabada, com o coração partido, assombrada pelos fantasmas tímidos e desamparados das coisas que poderiam ter acontecido, mas que nunca chegaram a acontecer. Eu sempre sinto tanta pena dela. Pelos seus pobres olhos cegos, que nunca enxergaram – que sequer possuem memórias. Nenhuma luz caseira jamais brilhou através delas – apenas uma vez, há muito tempo, houve o brilho de uma lareira. Poderia ter sido uma casinha tão boa, aconchegada contra aquela colina arborizada, com abetos em volta para escondê-la. Uma casa aquecida, amistosa, pequenina; uma casa bem-humorada. Diferente daquela casa nova na Corner, que Tom Semple está erguendo: essa é uma casa mal-humorada, traiçoeira, com pequenos olhos e cotovelos pontiagudos. É estranho como uma casa pode ter tanta personalidade, mesmo antes que alguém tenha sequer vivido dentro dela. Certa vez, há muito tempo atrás, quando Teddy e eu éramos crianças, nós tiramos uma tábua da janela, entramos na casa e acendemos o fogo da lareira. Então, sentamo-nos e planejamos as nossas vidas. Pretendíamos viver juntos ali, naquela casa. Suponho que Teddy já tenha se esquecido completamente daquela tolice infantil. Ele me escreve com frequência, e suas cartas são compridas, alegres e possuem sua essência. Ele me conta todas as pequenas coisas que quero saber sobre a vida dele. Porém, ultimamente tenho a impressão de que elas têm se tornado um pouco impessoais. Elas bem poderiam ter sido escritas para Ilse, não só para mim.

Pobrezinha da Casa Decepcionada! Suponho que será Decepcionada para sempre”.

*“1º de maio, mil novecentos e...”*

A primavera chegou novamente! Jovens álamos, com suas folhas douradas e etéreas. Legiões de golfos ondulantes além das dunas prateadas e purpleadas.

O inverno se foi com incrível rapidez, apesar de alguns momentos terríveis às três da manhã e dos crepúsculos solitários e desencorajadores. Logo, Dean retornará da Flórida. Mas nem Teddy, nem Ilse retornarão para casa nesse verão. Isso fez com que eu passasse uma ou duas noites em claro, recentemente. Ilse irá para a costa a fim de visitar uma tia – irmã de sua mãe, que nunca tinha ligado para ela antes. E Teddy obteve a chance de ilustrar uma série de histórias da Polícia Montada do Noroeste, para uma empresa de Nova Iorque; sendo assim, ele deverá passar as férias desenhando para eles no Norte. É claro, é uma chance esplêndida para ele, e eu não posso ficar ressentida por meu amigo não vir a Blair Water. E Teddy também não ficou.

Bem, suponho que Blair Water e sua antiga vida aqui são histórias do passado para ele agora.

Eu não tinha percebido o quanto contava com a presença de Ilse e de Teddy aqui no verão, e o quanto de esperança esse pensamento me trouxera, ajudando-me a superar alguns momentos difíceis durante o inverno. Quando me permito lembrar que não escutarei nem uma vez o assobio de Teddy pelo bosque de John Luxento nesse verão – que não caminharei com ele nem uma vez pelas nossas veredas e caminhos secretos –; que nem uma vez trocaremos olhares empolgantes e significativos em meio a uma multidão, quando acontecer algo que possui um significado especial

para nós; quando penso nisso, toda a cor parece se esvaír da vida, deixando apenas uma coisa desbotada e em pedaços, em retalhos.

Mrs. Kent encontrou-se comigo na estação dos correios ontem e parou para conversar, algo que ela raramente faz. Ela continua me odiando.

— Suponho que tenha ficado sabendo que Teddy não virá para cá nesse verão, sim?

— Sim — respondi brevemente.

Havia um certo ar estranho e de triunfo em seu olhar, enquanto se virava para partir – um triunfo que eu compreendi. Ela está bastante infeliz por Teddy não vir para casa por *ela*, porém está exultante porque ele não virá para casa por *mim*. Isso mostra, ela tem quase certeza, que ele não se importa nem um pouco comigo.

Bem, ousou dizer que ela está certa. Ainda assim, não é possível ficar melancólica durante a primavera.

E Andrew ficou noivo! E de uma moça que tia Addie aprova completamente.

— Eu não poderia estar mais feliz com a escolha de Andrew, nem se eu mesma tivesse escolhido a moça — disse ela, nessa tarde, para tia Elizabeth. Para tia Elizabeth, mas não se dirigiu a mim. Tia Elizabeth ficou gelidamente contente, ou, ao menos, disse que havia ficado. Tia Laura chorou um pouco, ela sempre chora um pouco quando alguém que ela conhece nasce, morre, casa, fica noivo, chega, vai embora ou vota pela primeira vez. Ela não pôde evitar sentir certa decepção. Andrew teria sido uma escolha tão *segura* de marido para mim. Certamente, não há nada de explosivo em Andrew”.

# CAPÍTULO 3

## O adeus a Mr. Carpenter

A princípio, ninguém achou que a doença de Mr. Carpenter era séria. Seu reumatismo atacara diversas vezes nos últimos anos, fazendo com que ele ficasse de cama por alguns dias. Então ele podia retornar ao trabalho, com a sua seriedade e sarcasmo de sempre, e com a língua mais afiada. Na opinião de Mr. Carpenter, ensinar na Escola de Blair Water não era mais a mesma coisa. Ele dizia que agora os jovens não passavam de criaturas que pareciam desalmadas, sempre alegres e insignificantes. Não havia uma alma ali que fosse capaz de pronunciar fevereiro ou quarta-feira corretamente.

— Estou cansado de tentar tapar o sol com uma peneira — disse ele, de modo áspero.

Teddy, Ilse, Perry e Emily haviam partido – os quatro alunos que acrescentavam muito à escola, com suas salvadoras inspirações. Talvez, Mr. Carpenter estivesse um pouco cansado de... tudo. Ele não era tão velho em sua idade, porém, estragara boa parte do corpo com uma juventude desregrada. Sua esposa, uma mulher pequenina, tímida e meio imperceptível, havia morrido discretamente no outono anterior. Ela nunca pareceu ter grande importância para Mr. Carpenter, mas ele “se afundou” rapidamente depois de seu funeral. As crianças da escola ficaram surpresas com sua língua afiada e seus acessos de raiva, que ficaram mais frequentes. Os administradores da escola começaram a balançar suas cabeças e a conversar sobre contratar outro professor quando o ano escolar terminasse.

A doença de Mr. Carpenter começou como de costume, com um ataque de reumatismo. Então, veio o problema no coração. Dr. Burnley, que foi visitá-lo, apesar de suas recusas em receber um médico, pareceu sério e conversou, misteriosamente, sobre uma “falta de vontade de viver”. A tia Louisa Drummond veio de Derry Pond para cuidar dele. Mr. Carpenter aceitou sua vinda com uma resignação de que aquilo era um mau presságio – como se nada mais importasse.

— Faça o que quiser. Ela pode realizar pequenas tarefas, se isso for aliviar as suas consciências. Contanto que ela me deixe em paz, não me importo com o que ela faça. Eu não permitirei que me alimentem, que me mimem, que troquem meus lençóis. E não suporto o cabelo dela. É liso e brilhante demais. Fale para ela fazer algo a respeito. E por que o nariz dela parece que está sempre gelado?

Emily corria até lá toda noite para se sentar com ele por um tempo. Ela era a única pessoa que Mr. Carpenter gostava de ver. Ele não falava muito, mas gostava de abrir os olhos, de tempos em tempos, e trocar um sorriso travesso que indicava compreensão – como se os dois estivessem rindo juntos de alguma piada excelente, da qual somente eles podiam contemplar seu sabor. Tia Louisa não sabia como agir a respeito dessa troca de sorrisos e, em consequência, desaprovava. Ela era uma criatura de bom coração, com um verdadeiro instinto materno, apesar de ser solteira, mas ficava completamente perdida com aqueles sorrisos alegres e endiabrados no leito de morte de seu paciente. Ela achava que era muito melhor ele pensar em sua alma imortal. Mr. Carpenter não era um membro da igreja, era? Ele sequer permitia que o ministro

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Emily #3) A Busca de Emily" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).